

# humanitas

Vol. XLI-XLII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XLI-XLII



COIMBRA

MCMLXXXIX-MCMXC

O regresso é estudado no cap. IV — «The end of all», onde continua a destacar-se uma poesia entrecidada da interacção de múltiplos textos. O final sublinha o triplo aparecimento do tema *memento mori* em três níveis: aplicado à obra do poeta, destinada a morrer depois da sua morte; aplicada ao próprio poeta, condenado ao esquecimento; aplicado aos leitores vindouros. O futuro, no fundo, reserva-lhe a mesma sorte que Roma teve.

A sensação final pode ser de frustração: todos os monumentos do engenho humano estão condenados a desfazerem-se em pó; o que sucedeu a Roma aguarda o poeta; o encontro de Du Bellay com as ruínas tornou-se no guia (pessimista) do próprio poeta, o texto confundiu-se com o quadro, a viagem ganha feições de *Nekya* (da «Conclusion», pp. 225-231).

Esta apreciação erudita e de grande lucidez é seguida de alguns apêndices enriquecedores, um dos quais (pp. 235-236) sobre o humanista português Diogo Pires, também ele um modelo quinhentista da poesia de exílio, e um outro com a tradução dos passos citados ao longo do livro.

Completa o volume abundante bibliografia, repartida por vários temas: fontes, edições, obras de referência, em cada caso respectivamente para a Antiguidade, o poeta em estudo, o Renascimento e outros autores abordados. A lista é extensa, embora não exaustiva; sente-se, de facto, a ausência de obras essenciais sobre a temática do exílio, sobre Ovídio, modelo de toda a poética do desterro, e também, pelo menos, sobre um dos poetas referidos, o português Diogo Pires. Lacuna que se compreende, atendendo à vastidão do tema em causa, e que passa quase despercebida ante o rigor e a qualidade do trabalho de G. H. T.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

PLATÓN — **Crátilo**. Introducción, versión y notas de U. SHCMIDT OSMANCIK. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1988, CXLVII + 90 pp.

Da *Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Mexicana*, responsável por uma já extensa e meritória tarefa de divulgação e exegese de obras da Antiguidade Clássica, surge esta edição bilingue do *Crátilo*, a cargo da helenista U. S. Osmanczik, que para a mesma editora preparou também as versões do *Laques* e do *Górgias*. Edição que é de toda a justiça salientar, já pela qualidade do seu estudo introdutório, já pela cuidada versão que acompanha o texto grego (estabelecido por A. Méridier).

Repartindo-se por cinco capítulos, a *Introdução* abrange as principais vertentes de análise do diálogo: enquadramento dramático e cronologia relativa (I), terminologia técnica no âmbito da teoria linguística (II), estrutura interna da obra e evolução do movimento dialéctico (III), problemas ligados à interpretação global do diá-

logo, quer em confronto com os pressupostos actuais da teoria da linguagem (IV), quer com os contributos anteriores ao *Crátilo* — particularmente da época sofística (V).

Sem menosprezar o material informativo e reflexivo dos restantes capítulos, são porventura o III e o IV (respectivamente «Paráfrasis del contenido» e «Alguns problemas de *Crátilo*») os que mais atraem a atenção do estudioso de Platão ou da teoria da linguagem. Neles se oferece, de forma singularmente acessível, uma análise das várias sequências da argumentação e das mutações que as premissas iniciais — naturalismo ou convenção dos *onomata* — sofrem, quer à luz da controvérsia sofística *physis/nomos* quer dos pressupostos filosóficos (heraclitianismo *versus* eleatismo) que opõem Crátilo e Hermógenes. Ao longo das hipóteses «naturalistas», avançadas e retocadas por Sócrates face ao convencionalista Hermógenes, e da sua posterior inflexão «convencionalista» face ao naturalismo radical de Crátilo, extrai também a A. alguns dos contributos mais impressionantes do diálogo, no que respeita à teoria da linguagem.

Entre eles, o enfoque sobretudo semântico em que é perspectivada a relação actual *onoma* / *pragma* e se estende ao plano dos *prota onomata*, as palavras primitivas ou «atómicas» (p. XLII), cuja adequação e capacidade de significar, na base de uma imitação ou imagem (sonora), é passível de definir-se como «relación fonosimbólica entre significado y significante» (p. XLVIII); a valorização da linguagem como *instrumento*, reflexo imediato de um modelo de raciocínio colhido nas *technai* (vide pp. LXVIII-LXXII, cf. CXVIII-CXIX), mas essencial a todas as etapas em que se vai precisando a *orthotes onomaton* (especificamente: «relación entre cosa y denominación», p. XXI) como resultado de um saber específico, atribuído por Sócrates-Platão, com mais ou menos convencionalismo, à figura mítica no *nomothetes*; a dimensão epistemológica da linguagem, nas funções do *didaskhein* e do *semainein* e, de modo mais especulativo, na procurada (e frustrada) relação «natural» entre os *onomata* e os *eide* (pp. XC-CI); as possibilidades e limitações que se entreabrem a uma «teoria da comunicação», que as funções atrás mencionadas não permitem assegurar (p. CXIX, cf. XXX n. 1), mas parece implícita na comparação com a linguagem gestual (p. XLIV n. 51); ou ainda a consciência platónica do devir histórico da(s) linguagem(s), bem documentada a propósito das etimologias (p. XLI) e sobretudo da «fonosimbólica», de que Platão terá sido o criador e onde, aliás, se entrevê uma «posible explicación, al menos parcial, del language» (p. LXXXIV).

Esta breve resenha de tópicos justifica amplamente a afirmação de que «Platón hace uso de la terminología *physei* / *nomos* con respecto al origen y la corrección de los *onomata*, pero dicha oposición resulta ser un trampolín para examinar problemas que comprenden mucho más que la pregunta de si las denominaciones son correctas por naturaleza o por convención» (p. CXIII). De facto, a oposição é praticamente anulada no final, onde se sugere «una especie de balance entre la teoría naturalista y la convencionalista» (p. LV), equilíbrio ainda assim periclitante, já que o naturalismo socrático tem muito mais a ver aqui com o significado do que com o significante (p. CM).

Sem rejeitar a importância dos aspectos ontológicos e epistemológicos (p. LXI), a A. acentua assim a pertinência de uma leitura do diálogo centrada na perspectiva de uma teoria da linguagem, que capta os elementos dispersos da tradição e dos tratados sofísticos da época, refundindo-os numa pesquisa sistemática onde o

papel pioneiro de Platão é por diversas vezes evidenciável: por exemplo, na sugestão de uma «semiótica incipiente» (p. LXXVIII), ou nas tentativas fonossimbólicas de explicar o *onoma* como imagem.

A este denso ensaio teríamos apenas a opor um esbatimento, talvez voluntário, da dimensão irónica do diálogo. O leitor menos precavido poderá, por exemplo, aceitar pelo seu valor facial a desvalorização das etimologias aqui proposta, quando elas constituem, de facto, um dos recursos mais frequentes na elaboração da linguagem filosófica dos diálogos (vide J. Classen, *Sprachliche Deutung als Triebkraft platonischen und sokratischen Philosophierens*, München, 1959). Do mesmo modo que o aparente insucesso socrático, resultante da fractura entre o plano da linguagem (denominação) ideal e o da realidade pragmática não pode ser visto à luz de uma insuficiente exploração da teoria de Hermógenes (p. XCIX): na realidade, as duas teses estão quase em permanente confronto, tanto na conversa com Hermógenes como com Crátilo. O «salto» que a A. desejaria ver completado «concebendo el signo como símbolo y no como ícono» (p. XCVIII), está bem sugerido no volte-face com que, quase no final (435d), se aventa a necessidade da convenção para justificar a *orthotes onomaton*.

Mas o jogo não se abre todo: ao leitor do diálogo caberá reflectir na porção de verdade ou de erro que os argumentos anteriores veicularam, face ao novo reconhecimento. Desse estímulo à pesquisa, à colmatagem de espaços em branco, que é a vocação do diálogo aporético, nos dá conta, de resto, a presente *Introdução*, bem como as notas ao texto e à tradução, que são apresentadas no final.

A versão castelhana revela o mesmo apurado trabalho sobre o texto grego, assinalando-se, desde logo, por uma listagem de expressões técnicas mais ocorrentes no diálogo e de que se dão as respectivas equivalências (incorrecta, no entanto, a de «dar una denominación o un nombre propio» para *onoma keisthai*, com óbvio valor passivo, p. xvii). Sobremodo útil pelo estabelecimento de critérios, este conjunto de equivalências aponta no sentido de uma potencial «actualização» da linguagem técnica do *Crátilo*, uma ou outra vez concretizada; é o caso das opções contextuais de «nome», «denominação», «palavra» e mesmo «substantivo» para *onoma* (p. xvi). Pensamos que, sem perda de rigor, esse critério poderia ter sido alargado a outros termos-chave: assim a *logos*, traduzido por «discurso» em todo o passo 385b-387c, onde o seu sentido óbvio é o de «enunciado» (como aliás se reconhece na p. XIX — cf. CXXIX n. 7); ou a *gramma*, claramente «fonema» (ou «som») na generalidade das ocorrências.

Fora deste âmbito, registaríamos apenas duas equivalências discutíveis: a de «essência» para *ousia* (alargada a *aletheia*, 439a), cujo anacronismo a própria A. salienta em nota (p. CXXXI, com remissão para Derbolav; mas vide também o historial da palavra em Ch. Kahn, *The Verb 'Be' and its Synonyms*. Part VI, Dordrecht, 1973); e a de «demonio» para *daimon* — esta última, particularmente ingrata pelas conotações negativas que o seu uso corrente, derivado da tradição cristã, acarreta («génio» é de longe preferível neste contexto, como propõem Méridier para o *Crátilo* e Robin para o *Banquete*, nas edições respectivas das Belles-Lettres).

Estas discordâncias pontuais não empenam a legibilidade de um texto razoavelmente longo e erizado de dificuldades, como é o do *Crátilo*. Não se demarcando

embora por um excessivo apuro estilístico, a versão de U. Schmidt é no geral límpida e fluente. A homogeneidade de critérios e de linguagem, a meditação cuidada de inúmeros passos complexos, quer no domínio da hermenêutica quer no da translação para outra língua (destaque, neste aspecto, para a longa secção das etimologias) asseguram uma estimulante (re)visão do *Crátilo*, que se lê com agrado e proveito.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO